

Sintaxe das resultativas adjetivais no alemão: 'contraexemplos' e os dados do PB

(Syntax of adjectival resultatives in German: 'counterexamples' and BP *data*)

Andrea Knöpfle¹

¹Departamento de Linguística – Universidade Federal do Paraná (UFPR)

deaknoepfle@gmail.com

Abstract: This work investigates adjectival resultatives in German, i.e. causative constructions as [V DP_{ACC} AP], whose AP denotes the resulting state over the DP_{ACC}. Ex.: (1)a. Anna trinkt die Teekanne leer - (1)b. *Anna drinks the teapot empty - (1)c 'Anna drinks from the teapot and it ended up empty.' The drinking event in (1)a causes the teapot to be empty; in BP, such a reading is not possible in the ungrammatical structure as in (1)b. I assume, with Kratzer (2005), that V must be intransitive and the DP_{ACC} behaves as an argument of the adjective. In order to maintain this claim, the author rules out some apparent counterexamples, in which V is transitive. I compare these examples with BP data, showing semantic and structural similarity, intending to reinforce Kratzer's hypothesis regarding the intransitivity of V in adjectival resultatives.

Keywords: Adjectival Resultatives; Intransitive; Raising; German; Bp.

Resumo: O objeto deste trabalho são as resultativas adjetivais no alemão, i.e. estruturas causativas do tipo [V DP_{ACC} AP], em que o AP denota o estado resultante sobre o DP_{ACC}. Ex.: (1)a. Anna trinkt die Teekanne leer - (1)b. *Anna bebe a chaleira vazia - (1)c 'Anna esvazia a chaleira bebendo (seu conteúdo).' O evento de beber em (1)a causa a chaleira ficar vazia; tal sentido em PB não é obtido com a estrutura em (1)b, agramatical no sentido relevante. Sigo a hipótese em Kratzer (2005) de que V está sempre em uso intransitivo e o DP_{ACC} se comporta como argumento de A. Para tanto, a autora descarta aparentes contraexemplos do alemão, em que V é transitivo. Comparo esses exemplos com dados do PB, e aponto semelhança semântica e estrutural, no sentido de reforçar a intransitividade do verbo nas resultativas adjetivais do alemão.

Palavras-chave: Resultativas Adjetivais; Intransitivo; Alçamento; Alemão; Pb.

Introdução

O objeto de estudo deste trabalho são as resultativas adjetivais do alemão e as consequências que uma abordagem sintática como as encontradas em Kratzer (2005) e Knöpfle (2010) trazem, necessariamente, para o tratamento de outros dados da literatura que apresentam semelhança estrutural com as resultativas adjetivais. Nesse sentido, existem aparentes contraexemplos do alemão que precisam ser separados das resultativas adjetivais. Para tanto, sigo a proposta em Kratzer (2005), de que tais 'contraexemplos' não são resultativas adjetivais.¹ Procuo reforçar a hipótese da autora comparando tais 'contraexemplos' a dados do português brasileiro (PB). A resultativa adjectival trata uma eventualidade com leitura de ação expressa no verbo e um estado resultante expresso no AP. A estrutura é do tipo [V DP_{ACC} AP], cujo AP denota o estado resultante sobre o DP_{ACC}. Os dados apresentam uma leitura causativa a partir do verbo matriz. Segue um exemplo:

¹ Procuo mostrar que os aparentes contraexemplos do alemão não são resultativas adjetivais. Assim, vou me referir a eles de duas maneiras: (i) ora entre aspas, i.e. 'contraexemplos'; (ii) ora utilizando o termo *aparente*, i.e. *aparentes contraexemplos*, para reforçar que não são contraexemplos de fato.

(01) Ana trinkt die Teekanne leer.
Ana bebe a chaleira vazia.
'Ana esvazia a chaleira bebendo seu conteúdo.'

(02) *Ana bebe a chaleira vazia.

Em (01), a eventualidade de beber causa a chaleira ficar vazia. O DP_{ACC} *die Teekanne* (a chaleira) não é argumento semântico do verbo: o que foi bebido foi o conteúdo da chaleira. Se mantivermos a estrutura [V DP_{ACC} AP] para o PB, como em (02), o dado é agramatical no sentido relevante. Ou seja, precisamos fazer uso de outra estrutura, como a que foi utilizada para a tradução de (01), a fim de mantermos o sentido causativo. Sigo a hipótese em Kratzer (2005) de que V é sempre intransitivo (ou está em uso intransitivo), e de que o DP_{ACC} da estrutura de superfície é argumento interno do adjetivo. A autora defende uma análise de alçamento do verbo e o movimento do DP para checagem de Caso Acc – é por esse motivo que, na estrutura superficial, o DP_{ACC} *a chaleira* está em posição de argumento interno no verbo. Seguem mais exemplos:

(03) Das Kind hat das Bettchen voll gekotzt.
A criança teve a caminha cheio vomitado
'A criança vomitou por toda a caminha.'

(04) Er hat das Papier naß geniest.
Ele teve o papel molhado espirrado
'Ele molhou o papel, espirrando sobre ele./ Ele espirrou, molhando o papel.'

(05) Der Clown hat das Kind fröhlich getanzt.
O palhaço teve a criança alegre dançado
'O palhaço alegrou a criança dançando pra ela.'

Para (03), lemos que uma criança vomitou de tal forma, que a caminha em que estava ficou cheia de vômito. Em (04), alguém espirrou sobre o papel, que ficou molhado devido ao espirro. Em (05), havia uma criança triste e um palhaço alegrou tal criança, dançando pra ela. Nos dados em (03)-(05), cujos verbos *kotzen* (vomitar), *niesen* (espirrar) e *tanzen* (dançar) são intransitivos, os DP_{ACC} não são argumentos semânticos dos verbos: o que foi vomitado não foi *a cama*, *o papel* não pode ser objeto de *espirrar*, nem *a criança* pode ser objeto de *dançar*. Se os adjetivos das sentenças em (01), (03)-(05) forem retirados, o falante vai interpretar os DP_{ACC} como argumentos semânticos dos verbos, rejeitando os dados. Para defender a análise sintática, a saber: (i) V intransitivo e (ii) DP_{ACC} argumento de A, Kratzer (2005) precisa dar conta de aparentes contraexemplos do alemão, como (06):

(06) Sie haben den Fußballplatz hell beleuchtet.
Eles tiveram o campo-de-futebol claro iluminado
'Eles iluminaram o campo de futebol claramente.'

(07) Sie haben * (den Fußballplatz) beleuchtet.
Eles tiveram o campo-de-futebol iluminado
'Eles iluminaram o campo de futebol.'²

² Exemplos de Kratzer, [2004, p. 8-9] 2005, tradução para o PB minha.

O dado em (06) apresenta semelhança estrutural ([V DP_{ACC} AP]) com as resultativas adjetivais em (01), (03)-(05). No entanto, diferentemente de (01), (03)-(05), o verbo em (06) é obrigatoriamente transitivo, haja vista o comportamento de V em (07) – não ocorre intransitivamente. Paralelamente, observamos que o PB também apresenta estruturas do tipo [V DP_{ACC} AP] com leitura causativa, como em (08)-(09):

(08) Ele cortou o cabelo curto.

(09) Ela costurou a saia justa.³

Essas estruturas também são tratadas na literatura como resultativas (FOLTRAN, 1999, LOBATO, 2004). Em (08), ação do verbo *cortar* causou o cabelo ficar curto, e em (09), a ação do verbo *costurar* causou a saia ficar justa. No entanto, o PB apresenta uma sensível diferença de produtividade acerca da ocorrência de resultativas, como também foi apontado por Foltran (1999) e Lobato (2004). Podemos observar tal restrição no fato de o PB não admitir resultativas adjetivais como as do alemão em (01), (03)-(05).

(10) *Ana bebe a chaleira vazia.

(11) *A criança vomitou a caminha cheia.

(12) *Ele espirrou o papel molhado.

(13) *O palhaço dançou a criança alegre.

A não aceitabilidade de (10)-(13) sugere que existe uma diferença semântica/sintática entre as resultativas adjetivais no alemão em (01), (03)-(05) e as sentenças em (08)-(09) no PB. Ainda, acredito que os aparentes contraexemplos apresentados em Kratzer (2005) (cf. (06)) podem ser reforçados como tais, tomando como comparação os dados do PB em (08)-(09).

Este trabalho está dividido da seguinte forma: na seção 1, exemplifico parte da cobertura empírica que suporta a hipótese em Kratzer (2005) de que o verbo das resultativas adjetivais está sempre em uso intransitivo. Na seção 2, mostro que as propostas sintáticas em Kratzer (2005) e Knöpfle (2010) pressupõem o verbo das resultativas adjetivais ser sempre intransitivo. Na seção 3, apresento os ‘contraexemplos’ e como Kratzer (2005) os separa de resultativas adjetivais. Coloco então os dados do PB que também foram chamados da literatura de resultativas. Mostro que esses dados possuem semelhança com os ‘contraexemplos’ do alemão, tanto estrutural quanto no conteúdo semântico. Na seção 4, apresento como Barbosa (2008) separa as ‘resultativas’ do PB das resultativas do inglês, com base em Parsons (1990).⁴ Estendo tal análise para os ‘contraexemplos’ do alemão, no sentido de reforçar a abordagem em Kratzer (2005) de que se tratam de um fenômeno distinto das resultativas adjetivais. Nas considerações finais, retomo minha base argumentativa e levanto algumas questões.

³ Dados de Foltran, 1999.

⁴ Agradeço a ajuda de Roberlei Alves Bertucci neste trabalho. Eventuais erros são meus.

Verbo intransitivo nas resultativas adjetivais

A hipótese acerca da intransitividade dos verbos nas resultativas adjetivais em Kratzer (2005) apresenta um vasto suporte empírico. Além dos exemplos acima (c.f. (1), (3)-(5)), o alemão apresenta dados de alternância transitiva, em que somente as versões intransitivas dos verbos podem participar de resultativas adjetivais.

- (14) a. Er hat gekocht.
Ele teve cozinhado/ 'Ele cozinhou'
- b. Er hat seine Familie magenkrank gekocht.
Ele teve sua família doente-do-estômago cozinhado
'Ele deixou sua família doente do estômago cozinhando para ela'.
- c. Er hat *(seine Familie) bekocht.
Ele teve sua família cozinhado-para/ 'Ele cozinhou para sua família'.
- d. *Er hat seine Familie magenkrank bekocht.
Ele teve sua família doente-do-estômago cozinhado-para
- (15) a. Sie haben geschossen.
Eles tiveram atirado/ 'Eles atiraram.'
- b. Sie haben ihn tot geschossen.
Eles tiveram ele_{Acc} morto atirado/ 'Eles o mataram, atirando nele.'
- c. Sie haben *(ihn) erschossen.
Eles tiveram ele_{Acc} atirado-morto/ 'Eles o mataram, atirando nele.'
- d. *Sie haben ihn tot erschossen.⁵
Eles tiveram ele_{Acc} morto atirado-morto

Nos exemplos em (14)-(15)a, observamos os verbos intransitivos *kochen* (cozinhar) e *schiesen* (atirar). Esses verbos participam de resultativas em (14)-(15)b, em que os DPs_{ACC} não são argumentos semânticos dos verbos. Nos exemplos em (14)-(15)c, observamos os verbos obrigatoriamente transitivos *bekochen* (cozinhar-para) e *erschiesen* (atirar-morto). Tais verbos não podem participar de resultativas adjetivais, como vemos nos dados agramaticais em (14)-(15)d. Verbos transitivos que permitem uso intransitivo também formam resultativas adjetivais, como em (16)-(18):⁶

- (16) Sie haben den Laden leer gekauft.
Eles tiveram o mercado vazio comprado
'Eles compraram tudo, de forma que o mercado ficou vazio.'
- (17) Sie haben den Teller leer gelöffelt.
Eles tiveram o prato vazio comido-com-a-colher
'Eles esvaziam o prato, comendo com a colher.'
- (18) Sie haben das Grundstück voll gebaut.
Eles tiveram o terreno cheio construído
'Eles construíram por todo o terreno, que ficou cheio.'⁷

⁵ Exemplos de Kratzer, [2004, p. 6] 2005. Tradução para o PB minha. A autora apresenta mais exemplos da referida alternância, além dos colocados aqui em (14)-(15).

⁶ Levin e Rappaport (1995) se referem a esses verbos como verbos que admitem objeto subespecificado. As autoras lembram, ainda, que verbos obrigatoriamente transitivos não formam resultativas adjetivais.

⁷ Exemplos de Kratzer, [2004, p.13-14] 2005. Tradução para o PB minha.

Apesar de permitirem uso transitivo, os verbos principais em (16)-(18) estão em uso intransitivo: em (16), o que foi comprado não foi o mercado em si, mas sim as mercadorias, de forma que o mercado ficou vazio. Em (17), o que foi comido com a colher foi o conteúdo do prato, que ficou vazio. Em (18), houve construções quaisquer, de forma que o terreno ficou cheio delas – *o terreno* não é o objeto de construir.⁸

Sintaxe das resultativas adjetivais

A relação de causa das resultativas adjetivais, segundo Kratzer (2005), é introduzida por um afixo foneticamente nulo e mais afixal [cause].⁹ O DP_{ACC} surge na sintaxe como argumento de A, subindo na estrutura para checar Caso. O AP, por sua vez, é complemento do referido afixo. O núcleo A se move para [cause] para satisfazer as necessidades afixais de [cause], formando o composto [A+[cause]]. Chamo o nó nucleado pelo afixo de CausingP.¹⁰ O sintagma pode ser esquematicamente representado como: [_{CausingP} cause [_{AP} A DP]].

Para Kratzer (2005), o nó nucleado pelo afixo [cause] está configurado como irmão do verbo, mesmo sendo um adjunto do ponto de vista da estrutura argumental. Sendo essa uma configuração ilícita para a autora, o verbo é alçado e há incorporação de [A+[cause]] em V, formando um composto morfológico. O DP, ao se mover para checar Caso Acc, torna-se objeto do composto [[A+[cause]]+V]. Discuto em Knöpfle (2010) minhas motivações para não assumir essa formação,¹¹ e proponho duas configurações a serem exploradas: (i) uma em que CausingP é adjungido à esquerda do VP; (ii) e outra em que CausingP é irmão de V, em termos larserianos (LARSON, 1988, 1990). Vejamos as duas representações arbóreas simplificadas que exprimem as 2 configurações propostas: CausingP adjunto ao VP, (Figura 1),¹² e CausingP irmão de V, (Figura 2):

⁸ Kratzer (2005) coloca ainda em uso iterativo os verbos *kochen* (cozinhar_{intransitivo}), *schliessen* (atirar_{intransitivo}), *kaufen* (comprar), *löffeln* (comer-com-a-colher) e *bauen* (construir), para reforçar a possibilidade de comportamento intransitivo, como *Er baute und baute* (Ele construiu e construiu). Verbos obrigatoriamente transitivos não admitem uso iterativo, como **Er erschoss und erschoss* (Ele atirou-morto e atirou-morto).

⁹ A autora explora a possibilidade de uma operação de *type shift* para as resultativas adjetivais. Tal operação, no entanto, não teria como “barrar” resultativas mal formadas, como: **The gardener watered the tulips flatten*. O *shift* causativo não faz distinção quanto à morfologia do adjetivo. Já enquanto um fenômeno morfológico, o adjetivo precisa ser *bare* para poder se incorporar a [cause] e gerar boas resultativas.

¹⁰ Esse nome se refere à relação de causa introduzida pelo afixo para as resultativas adjetivais desenvolvida em Kratzer (2005), que trata de um tipo de relação de *causação*. A relação de *causação* é o fechamento transitivo da relação de dependência causal, segundo Lewis (1973). A relação de causa das resultativas, analisada em Kratzer (2005) em termos de cadeias causais e chamada de *eventos de causa de outros eventos* (*events of causing other events*), é definida como a soma de todas as eventualidades integrantes de uma cadeia causal, cujo elemento máximo é o estado denotado pelo adjetivo. A cadeia causal é linearmente ordenada pelo inverso da relação de *causação*. É com base em tal relação de causa que a autora justifica a intransitividade de V em resultativas cujos DPs_{ACC} poderiam ser lidos como argumentos dos Vs, como *He hammered the metal flat* e *The butler wiped the table clean*. Para a argumentação completa, remeto o leitor a Kratzer (2005) e Knöpfle (2010).

¹¹ Há motivação morfológica para a formação de composto [A+[cause]]. Mas, para assumir a formação do composto [[A+[cause]]+V], não encontro motivação semântica ou sintática. Quanto à semântica, Kratzer (2005) diz que a incorporação de [A+[cause]] em V não traz consequências semânticas. Quanto à sintaxe, nas resultativas em que V é flexionado, esse se move para cima (de V para I, e I, contendo V, move-se para C) e não leva junto consigo [A+[cause]], o que seria evidência empírica contra a incorporação de [A+[cause]] a V. Para outras evidências contra a incorporação de [A+[cause]] em V, remeto o leitor a Knöpfle (2010).

¹² Utilizo a representação com *v*-leve, seguindo Chomsky (1995).

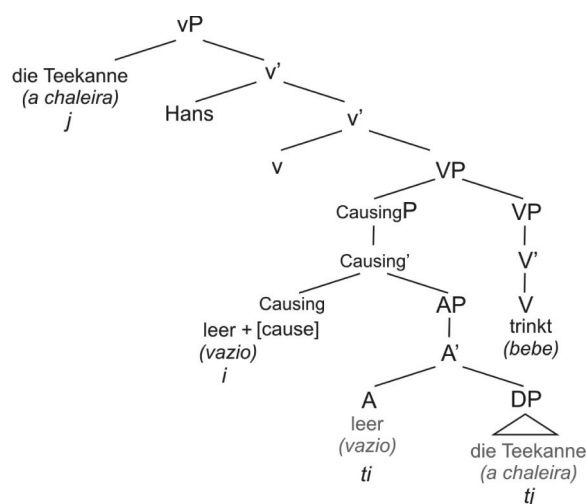


Figura 1. CausingP adjungido ao VP

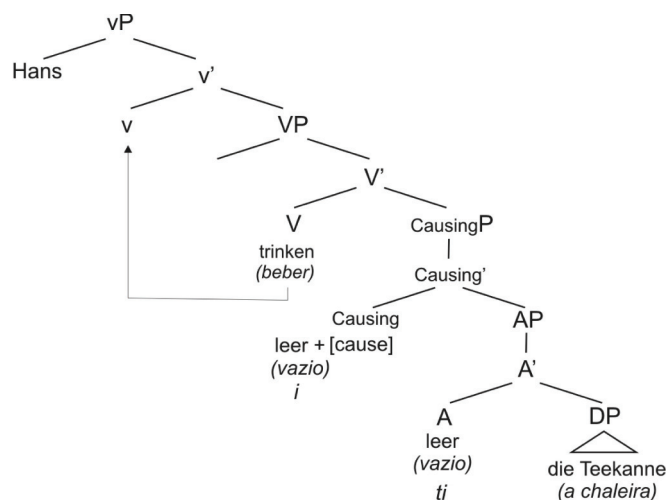


Figura 2. CausingP irmão de V

Na Figura 1, CausingP é adjungido à esquerda do VP. Essa configuração dá conta da ordem tanto das resultativas em que V matriz é conjugado (cf.(01)) quanto das resultativas com verbos auxiliares (cf.(03)-(05)). CausingP, no entanto, uma vez em configuração de adjunto, poderia ser considerado ilha, impedindo a extração do DP para checar Acc. Na Figura 2, a questão de ilha não se coloca. A ordem prevista, porém, não dá conta dos dados com auxiliares (cf.(03)-(05)). Nesses, V vem após A e ocupa o último lugar. Segundo a Figura 2, A ocupa o último lugar.¹³

Qualquer que seja a representação a ser explorada, i.e. Kratzer (2005), Figura 1 ou Figura 2, todas pressupõem a intransitividade de V.

¹³ Em Knöpfler (2010), capítulo 3, discuto longamente as consequências das configurações representadas nas Figuras 1 e 2. Não vou reproduzir toda a argumentação aqui, por motivos de espaço e escopo deste artigo (i.e. reforçar a hipótese da intransitividade de V, eliminando ‘contraexemplos’).

‘Contraexemplos’ e os dados do PB

Para justificar o comportamento sempre intransitivo de V, Kratzer (2005) precisa dar conta de aparentes contraexemplos. Vou repetir os dados em (06)-(07), aqui em (19)-(19)', e acrescentar outros:

(19) Sie haben den Fußballplatz hell beleuchtet.
Eles tiveram o campo-de-futebol claro iluminado
'Eles iluminaram o campo de futebol claramente.'

(19)' Sie haben * (den Fußballplatz) beleuchtet.
Eles tiveram o campo-de-futebol iluminado
'Eles iluminaram o campo de futebol.'

(20) Sie haben die Patienten nackt ausgezogen.
Eles tiveram os pacientes nu tirado-a-roupa
'Eles tiraram a roupa dos pacientes completamente.'

(20)' Sie haben * (die Patienten) ausgezogen.
Eles tiveram os pacientes tirado-a-roupa
'Eles tiraram a roupa dos pacientes.'

(21) Sie haben den Laster schwer beladen.
Eles tiveram o caminhão pesado carregado
'Eles carregaram o caminhão pesadamente.'

(21)' Sie haben * (den Laster) beladen.
Eles tiveram o caminhão carregado
'Eles carregaram o caminhão'.

(22) Sie haben die Wand blau bemalt.
Eles tiveram a parede azul pintado
'Eles pintaram a parede bem azul.'

(22)' Sie haben * (die Wand) bemalt.
Eles tiveram a parede pintado
'Eles pintaram a parede.'

(23) Sie haben den Teig dünn ausgerollt.
Eles tiveram a massa fino esticado
'Eles esticaram a massa bem fina'.

(23)' Sie haben * (den Teig) ausgerollt.¹⁴
Eles tiveram a massa esticado
'Eles esticaram a massa.'

Os exemplos em (19)'-(23)' são para mostrar que os verbos são transitivos. Tais verbos, nos exemplos em (19)-(23), participam de estruturas muito parecidas com as resultativas adjetivais. Kratzer (2005) argumenta, então, que não se trata de resultativas adjetivais, uma vez que os predicados secundários de (19)-(23) são, na verdade, advérbios. Em alemão, advérbios de modo e adjetivos predicativos apresentam-se da mesma maneira; a diferença entre ambos não é clara uma vez que não apresentam distinção morfológica

¹⁴ Exemplos de Kratzer, [2004, p.8-9] 2005, tradução para o PB minha.

(KRATZER, 2005). Soma-se ainda o fato de que a forma adjetival não-flexionada é usada tanto para advérbios de modo, quanto para adjetivos predicativos e ainda descritivos (*depictives*) (GEUDER, 2002).

Para diagnosticar se o predicado secundário é adjetivo ou advérbio, Kratzer (2005) realiza testes (cf. teste do *Como...?*). Os aparentes contraexemplos (cf. (19)-(23)) são passíveis de serem questionados e respondidos, como em (24)-(28).

- (24) Wie soll ich den Fußballplatz beleuchten? Hell.
Como devo eu o campo-de-futebol iluminar? Claro
'Como eu devo iluminar o campo de futebol? Claramente.'
- (25) Wie soll ich die Patienten ausziehen? Nackt.
Como devo eu os pacientes tirar-a-roupa? Nu
'Como eu devo tirar a roupa dos pacientes? Completamente.'
- (26) Wie haben sie den Laster beladen? Viel zu schwer.
Como tiveram vocês o caminhão carregado? Demais pesado.
'Como vocês carregaram o caminhão? Pesadamente.'
- (27) Wie haben sie die Wand bemalt? Blau.
Como tiveram vocês a parede pintado? Azul.
'Como vocês pintaram a parede? Bem azul.'
- (28) Wie haben sie den Teig ausgerollt? Dünn.
Como tiveram vocês a massa desenrolado? Fino
'Como vocês desenrolaram a massa? Bem fina.'¹⁵

Já o mesmo teste não pode ser feito para as resultativas adjetivais 'genuínas' (cf. (01), (03)-(05) e (16)-(18)), como vemos nos dados agramaticais de (29) a (35):

- (29) *Wie trinkt Ana die Teekanne? Leer.
Como bebe Ana a chaleira? Vazio
- (30) *Wie hat das Kind das Bettchen gekotzt? Voll
Como teve a criança a caminha vomitado? Cheio
- (31) *Wie hat er das Papier geniast? Naß.
Como teve ele o papel espirrado? Molhado
- (32) *Wie hat der Clown das Kind getantzt? Fröhlich.
Como teve o palhaço a criança dançado? Alegre.
- (33) *Wie haben sie den Laden gekauft? Leer.
Como tiveram eles o mercado comprado? Vazio
- (34) *Wie haben sie den Teller gelöffelt? Leer.
Como tiveram eles o prato comido-com-a-colher? Vazio
- (35) *Wie haben sie das Grundstück gebaut? Voll.
Como tiveram eles o terreno construído? Cheio

¹⁵ Exemplos de Kratzer, [2004, p.9-10] 2005. Tradução para o PB minha.

Segundo o teste, Kratzer (2005) exclui aparentes contraexemplos das resultativas adjetivais. Podemos perceber que o PB tem uma característica que o aproxima do alemão: certos adjetivos podem ser usados com valor de advérbio em PB. Para Kratzer (2005), em algumas estruturas no alemão o predicado secundário é adjetivo, formando resultativas adjetivais. Já nas estruturas em que o predicado secundário é advérbio, a construção não é resultativa. A autora afirma, então, que não há construção resultativa nas línguas românicas, pois nas construções aparentemente resultativas, como em *Ela cortou o cabelo curto*, o suposto AP é advérbio. Na tradução para o PB em (22) e (23), usei os adjetivos na forma superlativa. A tradução de (21) para o inglês seria: *They loaded the truck heavily*. A adição do sufixo *-ly* notadamente indica advérbio: *heavily*.¹⁶ Já as traduções dos predicados secundários em (19), (20) e (21) foram feitas com advérbios em *-mente*. Ou seja, notamos que sentenças como (19)-(23) - os aparentes contraexemplos do alemão - são possíveis em PB. Já resultativas adjetivais como (01), (03)-(05) não são possíveis em PB (cf. (10)-(13)). Seguem alguns exemplos de resultativas no PB:

- (36) Ele cortou o cabelo curto.
- (37) Ele desenhou o círculo torto.
- (38) Ele pintou o quadro bem colorido.
- (39) Deus criou os homens fracos.
- (40) Ele fabricou a cadeira torta.

A pouca produtividade desse tipo de construção, se comparada aos dados do inglês, foi apontada por Foltran (1999). Vimos, também, que essa comparação se estende aos dados do alemão (cf. (10)-(13)). Foltran (1999) observa que os predicados secundários em (36)-(40) não têm a propriedade de transformar um evento não delimitado em delimitado, ou seja, a adição desse predicado não interfere na classe aspectual do verbo.¹⁷ A autora coloca, ainda, que não são encontradas em PB resultativas com verbos de atividade (como *correr* e *beber*) com ponto final indeterminado. O predicado secundário, então, parece fornecer uma descrição mais exata do estado final. Podemos reforçar o ponto da autora, observando resultativas em alemão com verbos como *beber* e *dançar* (cf. (01) e (05), ao contrário do PB (cf. (10) e (13)). Lobato (2004) analisa situações onde as construções resultativas no PB ocorrem,¹⁸ e coloca que o PB não é capaz de licenciar estruturas como *hammer the metal flat*,¹⁹ na qual a interpretação de *flat* é dada como sendo a propriedade que o metal adquire após a ação de *hammer*. Lobato (2004), no entanto, argumenta que não se pode fazer a generalização de que as construções resultativas não existem no PB baseado apenas em dados do tipo *hammer the metal flat*. Admitindo a restrição de resultativas

¹⁶ Geuder (2002) vai chamar sentenças como *They loaded the truck heavily* de resultativas adverbiais.

¹⁷ Autores como Hoekstra (1988), Levin e Rappaport (1995) e Rothstein (2004) colocam como típico para as resultativas do inglês o *shift* aspectual: o sintagma resultativo transporta predicados de ação em *accomplishments*.

¹⁸ “(a) há formação de predicado complexo, com predicação do predicado secundário sobre o objeto e não sobre a proposição; (b) há atribuição de nova propriedade ao referente do objeto direto por efeito da ação verbal e (c) há interpretação do evento como télico (i.e., delimitado)” (LOBATO, 2004, p. 147).

¹⁹ *Hammer the metal flat* (MARTELAR O METAL PLANO) significa ‘martelar o metal, de forma que ele fique plano’.

no PB, a autora lista as condições para licenciamento da construção resultativa em PB.²⁰ Uma dessas condições, por exemplo, é dizer que somente a forma superlativa do adjetivo ou adjetivo com modificação em grau é que licenciam a construção resultativa: (41)-(43).

(41) João pintou a casa amarelinha, amarelinha.

(42) João pintou a casa bem amarelinha.

(43) João pintou a casa bem amarelíssima.²¹

Vejamos agora como se comportam as chamadas resultativas do PB em relação ao teste do *Como...?*.

(44) Como ele cortou o cabelo? Curto.

(45) Como ele desenhou o círculo? Torto.

(46) Como ele pintou o quadro? Bem colorido.

(47) Como Deus criou os homens? Fracos.

(48) Como ele fabricou a cadeira? Torta.

(49) Como João pintou a casa? Amarelinha, amarelinha/ bem amarelinha/ amarelíssima.

Da mesma maneira que os aparentes contraexemplos de resultativas adjetivais em alemão, as resultativas do PB são boas segundo o teste. Por outro lado, as resultativas adjetivais do alemão ‘genuínas’ – não realizáveis em PB na estrutura [V DP AP] – não ‘passam’ no teste. Adicionalmente, temos a questão adjetivo x advérbio em alemão e em PB, ou seja, os predicados secundários dos ‘contraexemplos’ em alemão foram traduzidos em PB em advérbios em *-mente* e ou adjetivos modificados em grau.

Para reforçar a semelhança estrutural entre as resultativas do PB e os ‘contraexemplos do alemão’, notamos que a tradução do PB para alemão mantém a estrutura [V DP AP]. Ainda, é possível fazer o teste do ‘...como?’ em ambas as línguas.

(50) Ele cortou o cabelo curto.
Er schnitt die Haare kurz. Wie schnitt er die Haare? Kurz.
‘Como ele cortou o cabelo? Curto.’

(51) Ela costurou a saia justa.
Sie schneiderte den Rock eng. Wie schneiderte sie den Rock? Eng.
‘Como ela costurou a saia? Justa.’

(52) Ele desenhou o círculo torto.
Er zeichnete den Kreis krumm. Wie zeichnete er den Kreis? Krumm.
‘Como ele desenhou o círculo? Torto.’

²⁰ Os verbos que participam da resultativa são classificados em verbos transitivos (i) de criação (*criar; construir*), (ii) de criação com especificação lexical do meio de criação (*escrever; desenhar; pintar* no sentido de criar imagem, *retratar*) e (iii) de ação sobre objeto pré-existente com situação resultante (*cortar; costurar; pintar* no sentido de colorir, *colocar; arrumar*). A autora analisa, ainda, a forma como o adjetivo aparece de maneira a permitir a leitura resultativa: forma básica, superlativa e superlativa sintética.

²¹ Exemplos de Lobato (2004, p. 158-159).

- (53) Ele fabricou a cadeira torta.
 Sie fertigte den Stuhl schief. Wie fertigte er den Stuhl? Schief.
 ‘Como ele fabricou a cadeira? Torta.’

Os dados expostos até aqui (cf. resultativas do PB e ‘contraexemplos’ do alemão) levam a crer que temos fenômenos similares entre si, mas distintos sintática e semanticamente das resultativas adjetivais do alemão. Na próxima seção, vou expor melhor essa diferença semântica.

‘Contraexemplos’/dados do PB e resultativas: fenômenos distintos

Barbosa (2008) questiona a existência das construções resultativas em PB nos moldes das do inglês. Com base nas propriedades das construções resultativas do inglês, o autor procura mostrar que existe uma diferença semântica quanto ao tipo de modificação que os predicados resultativos exercem nas sentenças em inglês e em PB. Enquanto no inglês o predicado secundário denota o estado resultante da ação, no PB é modificador de estado resultante, já denotado no conteúdo semântico do verbo juntamente com o argumento interno – sua existência não é condição necessária para a culminação do evento da sentença. No exemplo *construir a ponte sólida*, o verbo é de criação (portanto *accomplishment*), sendo o resultado da ação expresso no DP_{ACC}: *a ponte*. O estado *sólida* predica sobre o resultado já expresso na ação verbal. Assim, o predicado secundário se comporta como um adjunto. O autor vai representar sintaticamente o predicado secundário como estando apenas contido no VP. Ainda, o predicado secundário pode especificar a ação verbal em modo.²² Dessa forma, para ele, muitos dos dados em Lobato (2004), como *pintar a casa bem amarelinha*, precisam ser licenciados por um adjetivo com modificação em grau. Conforme já apontado em Levin e Rappaport Hovav (1995), entre outros, o predicado secundário resultativo denota (i) o estado final ou (ii) a informação adicional sobre o estado alcançado. Barbosa (2008) toma como base a semântica de eventos neo-davidsoniana em Parsons (1990) para fazer a distinção quanto ao tipo de função que o predicado secundário resultativo exerce nas sentenças, a saber: o estado resultante da ação (resultativas do inglês) *x* modificador de estado resultante (resultativas do PB). Aqui, para ser modificador de estado resultante, tanto faz se o predicado secundário é categorizado como adjetivo ou advérbio.

Vejamos a análise em Parsons (1990). Em *x closes the door tight*,²³ o adjetivo *tight* (apertado, vedado) modifica um estado de *being-closed* (estar fechado). Esse estado *being-closed* é alcançado pelo verbo matriz causativo. Para *x closes the door tight*, segue forma lógica:

$(\exists e)[\text{Cul}(e) \ \& \ \text{Agent}(e,x) \ \& \ (\exists e') [\text{Cul}(e') \ \& \ \text{Theme}(e',\text{door}) \ \& \ \text{CAUSE}(e,e') \ \& \ (\exists s) [\text{Being-closed}(s) \ \& \ \text{Theme}(s,\text{door}) \ \& \ \text{Hold}(s) \ \& \ \text{BECOME}(e',s) \ \& \ \text{Being-tight}(s)]]].$
 (PARSONS, 1990, p.121)

A partir da fórmula, lemos que existe um evento *e*, cujo agente é *x*; e existe um evento *e'*, cujo tema é *a porta*, e *e* é o evento que causa (CAUSE) *e'*; existe um estado *s*,

²² Neste caso, entendemos que o predicado secundário teria uma função mais próxima a um advérbio. Isso se aproxima em parte da análise em Kratzer (2005), de que os predicados secundários (nas resultativas) nas línguas românicas se comportam como advérbios.

²³ *x closes the door tight* (X FECHA A PORTA APERTADO) significa: ‘*x fechou a porta bem vedada/x fechou a porta bem fechadinha*’.

que é *estar fechada* (being-closed), cujo tema é *a porta*, e *e* muda para *s*, ou seja, ‘a porta cerrada’ ou ‘a porta bem fechada’. Isso significa que, em ‘João fechou a porta bem fechadinha’, o evento *e* é *João fechar a porta* e o fato de ele fazer isso causa *e*, i.e., o estado resultante da ação de *João fechar a porta* é *a porta estar fechada*. Além disso, existe um estado *s*, *estar bem fechadinha*, que é o resultado final de *e*. Em outras palavras, *bem fechadinha* modifica (BECOME) o estado resultante *estar fechada*, referente à *porta*.

Existe um outro tipo de construção que se parece na superfície com o tipo de sentença causativa-incoativa acima. Segundo Parsons (1990), são as ‘*resultative-tags*’ (resultativas, na terminologia do autor) como *Agatha hammered the metal flat*.²⁴ Esse tipo de estrutura pode ser analisado como as causativo-incoativas e os operadores CAUSE e BECOME, com a diferença de que traz a informação sobre o tipo de causação do evento (*causing event*), ou seja, o modo pelo meio do qual a ação é realizada. Para *x hammered the metal flat*, temos:

($\exists e$)[Cul(*e*) & Agent(*e*,*x*) & Hammering(*e*) & Theme(*e*,*metal*) & ($\exists e'$)[Cul(*e'*) & Theme(*e'*,*metal*) & CAUSE(*e*,*e'*) & ($\exists s$)[Being-flat(*s*) & Theme(*s*,*metal*) & Hold(*s*) & BECOME(*e'*,*s*)]]]. (PARSONS, 1990, p. 121)

Lemos na fórmula a existência de um evento de martelar *e*, cujo agente é *x* e cujo tema é *metal*. O tema atinge o estado *s* (estar achatado – *being-flat*) na culminação *e'*. Nessa estrutura, o adjetivo denota o estado alcançado pelo tema por meio da ação verbal.

Podemos agora estender tal análise para as resultativas do PB e ‘contraexemplos’ do alemão, de um lado, e as resultativas do alemão, de outro. No primeiro grupo, temos o modificador (independente da sua categorização enquanto adjetivo ou advérbio) como um ‘segundo estado’ modificando um ‘primeiro estado’ já alcançado na culminação do evento. Ou seja, em *cortar o cabelo curto*, *curto* modifica um estado de *estar cortado*, obtido no conteúdo [V+DP]. Para os ‘contraexemplos’ do alemão, como *iluminar o campo de futebol claramente* ou *pintar a parede bem azul, claramente e bem azul* modificariam, respectivamente, um estado de *estar iluminado* e um estado de *estar pintado*.²⁵ No segundo grupo (as resultativas adjetivais), temos o adjetivo denotando o estado do DP obtido por meio do evento, sendo esse estado o (único) resultado do evento. Em termos kratzerianos, o adjetivo denota a própria culminação do evento.

Considerações finais

A hipótese em Kratzer (2005) de que o verbo das resultativas adjetivais do alemão está sempre em uso intransitivo tem vasto suporte empírico. Existem, no entanto, aparentes contraexemplos, em que V é obrigatoriamente transitivo. Esses são descartados, à medida que A é considerado advérbio (cf. teste do ‘...como?’). Como suporte ao teste, comparo os aparentes contraexemplos do alemão com as supostas resultativas do PB, e

²⁴ *Agatha hammered the metal flat* (AGATHA MARTELOU O METAL PLANO) – ‘*Agatha achatou o metal, martelando-o./ Agatha tornou o metal chato, martelando-o*’.

²⁵ Note que a categorização de *claramente* e *bem azul* enquanto advérbios ou adjetivos não é nada trivial. Geuder (2002) desenvolve toda uma argumentação para mostrar que *brightly* e *heavily* (em *they loaded the truck heavily*) são advérbios, mas não advérbios de modo. Intuitivamente, *claramente* e *bem azul* não poderiam ser parafraseados como *de modo claro* ou *de modo azul*.

aponto semelhança estrutural. Aponto semelhança na denotação do modificador nas resultativas do PB e nos aparentes contraexemplos do alemão (cf. teste do ‘...como?’). Com base na diferença semântica entre *estado resultante* e *modificador de estado resultante* (BARBOSA, 2008), considero o A dos aparentes contraexemplos do alemão como modificadores de estado resultante, portanto não resultativas adjetivais.

Sendo assim, a primeira pergunta que coloco é qual seria a estrutura sintática dos ‘contraexemplos’ do alemão e das resultativas do PB. Uma possibilidade seria imaginar uma projeção SC $[[\emptyset]_{DP} [\text{torto}]_{AP}]$ adjungida ao VP, em que o DP seria uma categoria vazia correferencial com o argumento interno do verbo. Poderíamos ainda supor que a projeção SC seria o próprio AP. Qual categoria vazia está em questão demanda uma nova pesquisa. Ainda, construções como *Ele cortou o cabelo curto* se parecem com construções como *Pedro comeu a carne crua*. Assim, outra questão para pesquisas futuras é verificar como o AP pode ora modificar o objeto e ora modificar o estado resultante do evento. Outra questão que coloco é: se o AP é modificador de estado resultante, de que consiste mais precisamente esse estado resultante? Poderíamos ainda considerar *torto, justa e bem colorido* como advérbios se comportando em *–mente*, modificando todo o VP. Qualquer que seja a possibilidade a ser perseguida, reitero que, segundo a base empírica apresentada neste texto, os ‘contraexemplos’ do alemão e as resultativas do PB apresentam similaridade estrutural e semântica entre si. Acredito, portanto, que se trata do mesmo fenômeno, fenômeno esse distinto das resultativas adjetivais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, J. W. C. *A estrutura sintática das chamadas “construções resultativas em PB”*. 2008. 134 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1995. 420 p.
- FOLTRAN, M. J. G. D. *As construções de predicação secundária no português do Brasil: aspectos sintáticos e semânticos*. 1999. 205 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- GEUDER, W. *Oriented Adverbs: Issues in the Lexical Semantics of Event Adverbs*. Konstanz, 2002. 220 p.
- HOEKSTRA, T. Small clause results. *Língua*, [s.l.], v. 74, p. 101-139, 1988.
- KNÖPFLE, A. *A estrutura sintática das resultativas adjetivais no alemão: uma proposta a partir de Kratzer (2005)*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- KRATZER, A. Building resultatives. In: MAIENBAUM, C.; WÖLLSTEIN-LEISEN, A. (Eds.). *Event arguments in syntax, semantics, and discourse*. Tübingen: Niemeyer, 2005. 51 p. Publicação eletrônica (2004) disponível em <<http://semanticsarchive.net/Archive/GY4ZThjZ/Building%20Resultatives.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2010.
- LARSON, R. On the double object construction. *Linguistic Inquiry*, Cambridge (MA), v. 19, p. 335-391, 1988.

_____. Double objects revisited: reply to Jackendoff. *Linguistic Inquiry*, Cambridge (MA), v. 21, p. 589-632, 1990.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. *Unaccusativity: at the syntax-lexical semantics interface*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1995. 328 p.

LEWIS, D. Causation. *Journal of Philosophy*, [s.l.], v. 70, p. 556-567, 1973.

LOBATO, L. Afinal, existe a construção resultativa em português? In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; PIRES DE OLIVEIRA, R. (Orgs.). *Sentido e Significação*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 142-180.

PARSONS, T. *Events in the semantics of English: a study in subatomic semantics*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1990. 334 p.

ROTHSTEIN, S. *Structuring Events: a study in the semantics of lexical aspect*. Oxford: Blackwell, 2004. 216 p.